

## 2. Currículo e Formação de Professores

### PROFESSORES (AS) E O CURRÍCULO: TECENDO REDES NO COTIDIANO ESCOLAR

*Autor(a): NAIARA CÁSSIA DO SANTOS<sup>1</sup>*

*Coautores(as): MARITZA MACIEL CASTRILLON MALDONADO<sup>2</sup>*

*Instituição: UNEMAT*

*naiaracassia@hotmail.com<sup>1</sup>*

*maritzacmaldonado@gmail.com<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo problematiza como as práticas curriculares acontecem no chão da escola e se propõe a “fazer o pensamento pensar” (DELEUZE, 1992) sobre as várias possibilidades de ser e fazer o currículo através dos estudos nos/dos/com os cotidianos. Para pensar os (des) caminhos percorridos pelo currículo até chegar ao cotidiano vamos utilizar ALVES (1998) quando em seus estudos, ela fala da necessidade de olhar e ver aquilo que é tecido nos cotidianos das escolas e problematiza também a necessidade de valorizar essas experiências cotidianas como saberes-fazer que também constituem sujeitos.

**Palavras-chave:** Palavras-Chave: Professores (as), Currículo e Cotidiano

*Só uma coisa é naturalmente impossível de ser mostrada no filme, e mesmo os livros raramente dão conta dela: é aquela conversa da feira, são as pechinchas e o toma lá dá cá das mercadorias e do dinheiro, que à sua maneira são tão suculentos e apetitosos como a imagem que a feira oferece aos olhos.*

(BENJAMIN, 2015, p. 19)

Quando Benjamin (2015) fala sobre aquilo de que filmes e livros talvez não deem conta, ele fala daquilo que acontece no cotidiano. Dos pequenos acontecimentos que fazem parte da vida de todos, que não foram previstos mas, que são marcantes e que também controem *saberesfazer*<sup>1</sup> importantes para nossas vidas.

O chão da escola é um espaço de muitas possibilidades. Lugar de constituição de sujeitos, mas vejamos, que sujeitos estão sendo constituídos com as *práticaspensantes* que ocorrem nos cotidianos escolares? De que maneira o currículo está acontecendo na prática, com os nossos professores intercessores<sup>2</sup>? Que *saberesfazer* estão acontecendo no dia-a-dia das crianças?

A importância dos pequenos acontecimentos cotidianos e a necessidade de se dar atenção ao que acontece pelas frestas. Ouvir aquilo que os pequenos acontecimentos diários tem a nos dizer.

No caso desse artigo, vamos falar sobre aquilo que acontece nos cotidianos das escolas, nas relações de *ensinoapredizagem* existentes entre professores (as) e alunos (as). Problematizaremos como o currículo acontece, nos *temposespaços* escolares, e como os professores (as) lidam com esses dois pontos: com o currículo e com aquilo que acontece, que os livros não são capazes de abarcar. Conhecimentos que são aprendidos na escola, não através dos livros mas, através das relações com o espaço, com os colegas, com diretores, coordenadores, professores (as) e com todos que alí trabalham.

---

<sup>1</sup> O conceito de unir as palavras é emprestado de Nilda Alves, que é professora titular da UERJ (aposentada), atualmente, com contrato de pesquisadora visitante sênior (2012-2014; 2014-2017), atuando no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd). A ideia é não dicotomizar as palavras já que elas agem em conjunto e fazem parte de um processo único e contínuo.

<sup>2</sup> Para Deleuze (2006) os intercessores (...) trata-se de fazer do próprio movimento uma obra, sem interposição; de substituir representações mediatas por signos diretos (...)

*Sentir o mundo* como nos ensina Alves (2008) é levar em consideração não apenas o que está posto mas, se permitir ver coisas que não seriam percebidas se não houvesse esse *olhar sensível de que* Micarello (2010) fala de todos os que estão na escola, porque todos os que lá trabalham ajudam na educação das crianças. Falaremos aqui então mais especificamente sobre esse *olhar sensível* vindo dos professores (as) no dia-a-dia das escolas.

Para entender o sentimento de mundo (ALVES, 2008) e o *olhar sensível* (MICARELLO, 2010) vamos falar sobre esse cotidiano, que é onde as redes são tecidas. O cotidiano toma sua real importância na perspectiva de Certau (1996), quando ele diz que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. E ainda, quando cita que: “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”.

Nesse sentido, aquilo que não está previsto, que acontece fora do planejamento também causa encontros (DELEUZE, 1992). Encontros que muitas vezes são silenciados, velados como diz Certau (1992) no sentido de que algumas vezes fecham-se os olhos para as minúcias do cotidiano, que fazem muito sentido na educação das crianças, já que, é um ambiente onde ideias e acontecimentos interpelam o tempo todo.

Por esse motivo, entendemos que os professores (as) para além de participantes do processo, são, nessa perspectiva personagens conceituais fazendo assim, o papel de intercessores. Os professores (as) entendidos como personagens conceituais (DELEUZE, 1992) acontecem na perspectiva de Silva (2002):

Um professor que, antes de mais nada, tem horror à pedagogia da perguntada resposta na manga. Um professor que não tem menos horror a uma pedagogia da solução de problemas. Em vez disso, um professor da pedagogia do problema que é a pedagogia do pensar. Mas não o pensar entendido como a boa conduta do raciocínio, como a regra do bem-pensar (...) O pensamento, nessa pedagogia, tem pouco a ver com aquilo que já tem forma. Tem tudo a ver, por outro lado, com forma. Tem tudo a ver, por outro lado, com aquilo que, em uma zona que não é a da atualização, das coisas já determinadas e já formadas, faz saltar o impensável. O pensamento é uma fulguração: acontecimento, intensidade, diferença pura. (SILVA, 2002. p. 49)

Assim, é importante pensar sobre os professores (as) e sobre todos aqueles que estão envolvidos no processo educacional como sendo mais que apenas, meios de ensinar aquilo que os currículos dizem. É necessário entender que fazem parte de um processo educacional muito mais abrangente. Sendo assim, quando os observamos como personagens conceituais

podemos ver que para além de ensinar aquilo que é dito nos currículos praticados, os *espaçostempos* escolares devem ser para ouvir e ver de maneira sensível. Ouvir e ver aquilo que as vezes não é dito mas, que estão de alguma maneira constituindo as crianças. Não se quer aqui dizer que os procedimentos curriculares não são importantes, o se quer dizer é que não são somente eles que fazem parte dos cotidianos de professores (as) e alunos (as). É necessário que se entenda como diz Alves (2010) que,

É nessa direção que afirmo que para as *pesquisas nos/dos/com os cotidianos*, as narrativas e as imagens de professoras e de outros *praticantes dos espaçostempos cotidianos* não podem ser somente entendidas, exclusivamente, como 'fontes' ou como 'recursos metodológicos'. Elas ganham o estatuto, e nisso está sua necessidade, de *personagens conceituais*. Sem narrativas (sons de todo tipo) e imagens não existe a possibilidade dessas pesquisas. Assim, ao contrário de vê-las como um resto rejeitável, dispensável do que buscamos, é preciso tê-las, respectivamente, como *personagens conceituais* necessários aos processos que realizamos. (ALVES, 2010 p. 1203).

Os procedimentos para Certau (1994) são entendidos como uma ilusão quando ele diz que: "A oficialidade dos procedimentos nos cotidianos escolares é, portanto, uma ilusão criada pelas *estratégias* do poder instituído, que se desfaz, cotidianamente, nas *táticas* individuais e coletivas de praticar educação". Requer entender o que é afinal esse currículo de que tanto comentamos. Nesse sentido os *espaçostempos* da escola são,

como espaço privilegiado de produção curricular, para além do previsto nas propostas oficiais. Especificamente no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem, as formas criativas e particulares através das quais professoras e professores buscam o aprendizado de seus alunos avançam muito além daquilo que poderíamos captar ou compreender pela via dos textos que definem e explicam as propostas em curso. Cada forma nova de se ensinar, cada conteúdo trabalhado, cada experiência particular só pode ser entendida junto ao conjunto de circunstâncias que a torna possível, o que envolve a história de vida dos sujeitos em interação, sua formação e a realidade local específica, com as experiências e saberes anteriores de todos, entre outros elementos da vida cotidiana. Pensar em alternativas curriculares a partir dessa forma de percepção nos encaminha para um diálogo sem preconceitos com os educadores que, estando nessas escolas, produzem saberes e criam currículo, cotidianamente (OLIVEIRA, 2003, p. 68-69).

Dessa maneira problematizar os acontecimentos nos/dos/com os cotidianos faz com que possamos pensar enquanto professores (as), em novas outras formas de ter *práticas pensantes* que possibilitem que o currículo proposto possa ser constituído e interpelado por outros tantos conhecimentos existentes.

Problematizar os professores (as) e sua relação com o currículo no cotidiano, pode ser uma discussão relativamente recente. Um discurso que emergiu em tempos onde aquilo que aparece pelas frestas, que toca, que afeta, que faz parte dos processos de *ensino aprendizagem* das crianças, começa a ser visto dentro das salas de aula.

Começa a ser visto porque na realidade, as minúcias sempre existiram. O que acontece é que não tinham atenção. O que se começa a perceber, não só na escola, mas, em todos os lugares é que nos tempos atuais não há como fugir do bombardeio de informações a que as crianças são expostas.

Essa exposição à informações, faz com que o processo *ensinar aprender ensinar* como diz Alves (1998) torne-se algo cada dia mais pulsante no cotidiano escolar.

A vontade de saber, a curiosidade, tudo isso abre possibilidades de ver o mundo de outra forma, como diz Alves (2003) "O milagre da educação acontece quando vemos um mundo que nunca se havia visto. Nesse sentido, a educação não tem fim, porque a vida é infinita".

Por isso, para além de pensar apenas nos procedimentos curriculares, é importante problematizar aquilo que foge, que acontece nos cotidianos escolares, de forma a dar a importância a todos os encontros (DELEUZE, 1992) sejam eles, pequenos ou grandes.

## Referências

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Rio de Janeiro. Verus, 2003.
- ALVES, Nilda. **O espaço escolar e suas marcas**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- ALVES, Nilda. **A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 31, p. 1195-1212. Out-dez. 2010.
- ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. *Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: D,PetAliv, 2008: 15 – 38.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano : 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34. 1992.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães; RANGEL, Iguatemi Santos; NUNES, Kezia Rodrigues (Orgs.) **Diferentes perspectivas do currículo na atualidade**. Rio de Janeiro: Editora DP, 2015.
- MICARELLO, Hilda. **Avaliação e transições na Educação Infantil**. Agosto, 2010.
- OLIVEIRA, Inês B. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze**. Revista Educação e Realidade. Julho/Dezembro, 2002.